

## Por Uma Pedagogia do Espanto – Espaços Ostrais de Refazimento De Um País

*Cláudio Carvalhaes*

*Para a Miriam Rosa que é minha ostra onde eu acho minha pérola.*

### SIRA - Religião e Educação em Rubem Alves

A Sociedade Internacional Rubem Alves já começa como um lugar privilegiado do pensar teológico no Brasil. Tivemos dois dias de excelência com pensadores incríveis! Vida longa a SIRA!

Minha fala é a última do congresso e queria terminar nosso encontro pensando sobre o Rubem Alves na encruzilhada entre a ostra e as pérolas, o espanto e o encanto. Talvez essa fala poderia ser intitulado “por uma pedagogia do encanto ou do encantamento.” Queria tentar juntar as pérolas de Rubem Alves com as perolas de Iemanjá, Omulu e José Miguel Wisnik. Acho que é preciso aproximar Rubem Alves das religiões de matrizes africanas e toda a encantaria do povo do Axé, uma vez que o pensamento de Rubem Alves é, predominantemente e por razões óbvias, fundamentalmente vinculado ao Cristianismo. Não sou um iniciado nas religiões Afro-Brasileiras e na verdade sei muito pouco, pouco até demais. Mas queria que essa breve canto de espanto feito aqui fosse um encanto para o enfeitamento das nossas práticas religiosas-educacionais. Quero pensar o espanto entre a religião e a educação como surpresa, como desejo novo, como assombro, como encanto, como algo que transforma, converte, e como feitiço, nos prepara para um novo caminho para uma nova trajetória, para um novo mundo.

Rubem Alves nos deu não só uma nova forma de pensar a religião e a educação, mas também e fundamentalmente ele nos deu uma nova bibliografia, novos mundos inteiros para se entrelaçar. Uma coisa espantosa! Como é que Camus e Escher, Beethoven e Van Gogh, Fernando Pessoa e Cecília Meireles poderiam se relacionar tanto e tão bem com o mundo da gente? Sob a pena de Rubem Alves, meus mundos se ampliavam e eu vivia de espanto em espanto.

Pois foi Rubem Alves quem destrambelhou minha língua que sabia falar uma língua só, de uma coisa só de um só lugar. A reta doutrina era guardadora de mundos outros e da necessária ilusão de pureza. Ao destrambelhar minha língua eu fui saindo do quarto do escuro e fui vendo luminosidades que não tinha visto antes. E fui me espantando com as cores de tantas luminosidades, de tantas funduras e de tantas alturas.

Rubem Alves também nos ensinou a brincar essa fronteira é a mais distante de todos nós. A ponte entre o lúdico e o brincante em nossos corpos é tão difícil de acontecer. A gente

---

<sup>1</sup> Doutor em Teologia pela Columbia University. E-mail: ccarvalhaes@uts.columbia.edu .

escreve, escreve, escreve lê, lê, lê mas num brinca. A brincadeira é o que me sustenta, presente de meu pai meu palhaço. Mas olha, eu só vou acreditar que a sociedade Internacional Rubem Alves vai conseguir aprender do brincar com Rubem Alves de verdade quando a gente aqui da academia ficar menos sérios e arrumarmos um lugar pra gente fazer rodas de dança, fazer pega-pega, esconde-esconde, bolinhas de sabão, torneios de peão, bolinha de gude e amarelinha. Ai sim vai ser um espanto danado!

Mas como ia falando, o Rubem Alves nos deu o dom de línguas, línguas que são pontes dentro e fora da gente, entre nossos muitos mundos de dentro e outros tantos mundos de fora. E de tantas pontes que a gente poderia falar, quero sapecar umas coisinhas simples que tem a ver com a natureza e com a cura, como potencialidades de encanto e espanto pro nosso mundo hoje. Foi com o Rubem Alves que eu aprendi a atentar pras plantas, pros passarinhos, pros jardins, e tudo foi espanto! Hoje vou ficando velho e parece que eu vou entendendo melhor esses olhares atentos. O olhar que andava preso agora anda mais solto, sem o frenesi das necessidades e vicissitudes de tantas coisas, de fazer acontecer, de ter de fazer e de relatar.

Queria pensar como é que esse olhar para as coisas da natureza mudam meu olhar para o que sei do meu próprio Cristianismo e também para as religiões que vivem fundamentalmente da natureza com as religiões de matrizes Africanas. Posso dizer que as formas transcendentais do Cristianismo já não me servem mais.

Ainda mais, para mim são como potencias de continua destruição pro nosso mundo, mundo amado por Deus. Olorum, e casa de milhões de formas de vida.

E daí que fiquei pensando em falar sobre o Ipê amarelo que a gente planta pras novas gerações se assentarem. Pensei nas folhas das árvores que são vida em plenitude, mundos inteiros, e também condição de vida de tantas criaturas. Dai que pensei que as árvores são fundamentais para a existência dos Orixás. Como eles falam: “sem folha não tem orixá.” E minha irmã Miriam Rosa me fez pensar em Obaluê, Omulu, o senhor da terra, que é tão fundamental para viver esse nosso tempo, em especial, esses tempos de COVID.

Assim que essa minha fala começa com a pedagogia do espanto que Rubem Alves nos acomete, mas que precisa ser continuada com Omulu. Ambos a nos ajudar nesse tempo que é o aqui e agora, a criar uma pedagogia que nos ajude na educação dos nossos sentidos e no sentido da educação. Rubem Alves nos ajuda a desmontar tantos medos com seus encantos metafóricos, seu pensamento nos ajuda a começar a construir pontes para novos caminhos e novas pedagogia. Contudo é preciso estender esse caminho demasiadamente cristão, demasiadamente acadêmico, e demasiadamente secularizado e desencantado. Por isso precisamos de Omulu, o Orixá das doenças e das curas para nos ajudar a ver o encantamento não só como a gente trata aqui, como metáfora, mas também como acontecimento, como modos de viver.

Assim, façamos o caminho das pérolas e das ostras.

## Ostra Feliz Não Cria Pérolas

No famoso conto do Rubem Alves, *Ostra Feliz Não Cria Pérolas*,<sup>2</sup> ele faz a narrativa de uma ostra que se diferenciava de todas as outras. Essa ostra não conseguia ser feliz como as outras. Era uma ostra triste. E era triste porque um grão de areia tinha entrado em seu corpo. A dor lancinante lhe acometia o corpo durante os dias e durante as noites. Como forma de sobreviver ela cantava canções tristes, tão tristes que atormentavam as ostras que cantavam alegremente. Essas ostras felizes não tinham a presença da dor e assim iam pela vida vivendo sem pensar. Pois como nos disse Gilberto Gil, quando a gente tá contente a gente num quer pensar, a gente quer viver! E faziam bem. Mas a nossa ostra triste tinha recebido uma outra sina, e tinha que viver com a dor causada pela chegada desse grão de areia inesperado que lhe importunava a vida. Um dia um pescador atira suas redes e leva todas as ostras, as felizes e a ostra triste também. Na janta, o pescador come sopa com sua família. Em uma colherada de sopa, ele sente algo duro dentro da boca dele. Quando ele retira essa pedra de dentro da boca, ele descobre que era uma pérola! E feliz da vida, dá de presente a sua esposa.

Rubem Alves diz então que ostra feliz não produz pérolas, só aquelas que sofrem na carne uma dor lancinante. São elas que cantam as canções mais lindas mesmo que as mais doloridas.

E se falamos de pérolas, há no livro *Mitologia dos Orixás*, uma estória de pérolas que Reginaldo Prandi conta. Essa estória que vou contar é uma história de Omulu, Obaluaúê que se chama: *Omulu Ganha As Pérolas De Iemanjá*.<sup>3</sup> Diz assim:

*Omulu foi salvo por Iemanjá  
quando sua mãe, Nanã ao vê-lo doente,  
coberto de chagas, purulento,  
abandonou-o numa gruta perto da praia.  
Iemanjá recolheu Omulu e o lavou com a água do mar.  
O sal da água secou suas feridas.  
Omulu tornou-se um homem vigoroso,  
mas ainda carregava as cicatrizes, as marcas feias da varíola. Iemanjá confeccionou para ele  
uma roupa toda de ráfia.  
E com ela ele escondia as marcas de suas doenças.  
Ele era um homem poderoso.  
Andava pelas aldeias e por onde passava  
deixava um rastro ora de cura, ora de saúde, ora de doença. Mas continuava sendo um  
homem pobre.  
Iemanjá não se conformava com a pobreza do filho adotivo. Ela pensou:  
"Se eu dei a ele a cura, a saúde,  
não posso deixar que seja sempre um homem pobre". Ficou imaginando quais riquezas  
poderia dar a ele. Iemanjá era a dona da pesca, tinha os peixes,*

<sup>2</sup> Rubem Alves, *Ostra Feliz Não Faz Pérola* (São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008).

<sup>3</sup> Reginaldo Prandi, *Mitologia dos Orixás* (São Paulo: Companhia das Letras, 2001), 215-216.

*os polvos, os caramujos, as conchas, os corais.  
Tudo aquilo q'tie dava vida ao oceano  
pertencia a sua mãe, Olocum,  
ela dera tudo a lemanjá.  
lemanjá resolveu então ver suas jóias.  
Tinha algumas, mas enfeitava-se mesmo era com algas. Ela enfeitava-se com a água do mar,  
vestia-se de espuma. Ela adornava-se com o reflexo de Oxu, a Lua.  
Mas lemanjá tinha uma grande riqueza  
e essa riqueza eram as pérolas,  
que as ostras fabricavam para ela.  
lemanjá, muito contente com a sua lembrança,  
chamou Omulu e lhe disse:  
"De hoje em diante, és tu quem cuidas das pérolas do mar. Serás assim chamado de Jeholu, o  
Senhor das Pérolas". Por isso as pérolas pertencem a Omulu.  
Por baixo de sua roupa de ráfia,  
enfeitando seu corpo marcado de chagas,  
Omulu ostenta colares e mais colares de pérola,  
Belíssimos colares.*

Todas as histórias de Omulu parecem falar das relações entre doença e cura. Seu corpo sempre coberto por chagas e cicatrizes é sempre coberto por algo que cubra as marcas de sua existência. Nesse conto, lemanjá como mãe adotiva, cobre o corpo de Omulu com pérolas para que seu filho brilhe e seja feliz.

Nas duas estórias a pérola é símbolo de resiliência, beleza, cura, encanto e raridade. No uso popular a pérola significa fé, inocência, sinceridade, sabedoria, atração de riqueza, proteção, pureza, etc etc. Entretanto, a pérola é muito mais que isso. A pérola é símbolo da simbiose, da alteração das formas de ser, de transformação e reconstituição de si mesmo. As pérolas são as ostras assumindo outras formas e outras identidades.

Mas o que essas histórias de pérolas tem a ver com a educação? Vou propor quatro possibilidades:

### Primeiro, A Educação Como A Escuta Ostral Do Sofrimento Humano E Não Humano

A história da ostra em Rubem Alves parece ser uma variação de todas as estórias de sofrimento que produzem um conhecimento que só é dado àqueles que passam pela dor. Longe de fazer uma apologia da dor, Alves nos fala que a tristeza e a dor são partes da vida e que dessas experiências podem também surgir outros frutos, raros, feitos de beleza e encantamento. Esse conto está dentro, eu diria, de uma linha central e nevrálgica no pensamento de Alves que vê beleza nas profundas e inebriantes formas de dor e tristeza. Tantas estórias de tristeza e separação, tantos pores-de-sol, tanta nostalgia, tanta melancolia no coração mortalmente moderno de Rubem Alves.

Alves e Omulu, de formas tão distintas e diversas, nos fazem ver que a dor e o sofrimento são questões fulcrais da existência e é preciso entender suas muitas formas de existência nas vivências humanas e não humanas de nosso tempo. Alves como metáfora da corpo, Omulu como vivência no corpo.

E precisamos dos dois para entender o sofrimento em nosso tempo. Nossas formas políticas e econômicas vão criando sistemas de afetos que vão criando novas formas de lidar com a dor. Ao mesmo tempo que nossas vivências sociais e urbanas vão des-sensibilizando nossos afetos e nossas relações, nossa vida vai vivendo das fumaças e ausências de árvores. Como resultado vivemos alienados da natureza, nosso lastro para a dor vai diminuindo a cada dia, nossos alergias e aflições vão tomando proporções incontroláveis. Vivemos no mundo das depressões, dos refluxos, dos ataques de pânico, dos ataques do coração, dos barbitúricos, dos anti-depressivos, dos anti-histaminicos, dos analgésicos, dos sossega-leão. Medicamentamos toda forma de sentir e mórbidos, perdemos a capacidade do espanto. COVID19 veio para nos tirar as poucas relações que tínhamos, eliminar empregos, colocar milhões de pessoas na pobreza, sufocar formas de afeto e eliminar vidas preciosas.

Também, nossa absoluta distância com a terra também marca nosso tempo de profunda falta de cuidado e compaixão com a dor e o sofrimento de animais, de plantas, das águas, de arvores, de vidas do mar, do ar e da terra. Nada nos move. Perdemos nossa relação com o mais profundo que nos formou.

Mais do que nunca precisamos achar espaços “ostrais,” para nos ajudar a refazer relações perdidas, renovar a nossa vida com outras formas de vida, e transformar nossas tristezas em pérolas e cantos de alegria. Mesmo que todas as outras ostras dêem risada de nosso canto.

Pois aqui chegamos. A educação como audição e troca deve ser um desses espaços *ostrais*, como a ostra que propicia espaços de refazimento. A audição da educação que não somente ouve mas vê, entende, se aproxima, cria empatia e compaixão. A escola como esse ambiente ostral, propicio para a metabolização da dor em outras formas de vida, de sustento, imaginação, resistências e formas de mundo. Pois a pérola é essa amálgama da alma que vem pelo aprender de si, e ensaja sempre o refazimento de si mesmo a partir das experiências da dor e do abandono.

A ostra é esse lugar da escuta do espanto que se faz pérola, a escuta que transforma a dor da vida em pedra delicada e forte, rara e bela. Dessa maneira, cada professor que entende as dores do mundo e as dores dos seus alunos, é também um analista que escuta e ensaja transferências, é um curandeiro que faz trocas simbólicas, um palhaço que ativa outras formas de leveza, e um reordenador de mundos para que a vida dentro da ostra continue ainda mais bela. Nesse espaço ostral, a pérola se transforma na capacidade do espanto continuo com as potencialidades da vida que vão se refazendo.

### Segundo, A Educação Como Presença Da Beleza

Omulu tinha seu corpo coberto de chagas e por isso vivia escondido em suas roupas de palha. Iemanjá como mãe adotiva afetuosa queria ver seu filho mais bonito a brilhar com seus dons de cura que lhe eram tão caros. Por isso, a rainha do mar toma emprestados as ostras de seu reino e cria um grande colar de pérolas que cobriria o corpo inteiro de Omulu para que assim ele fosse honrado, e vivesse alegre e orgulhoso. Seu corpo continuaria marcado pelas chagas de suas cicatrizes, mas agora, ele brilha a luz das pérolas que como flores brancas que lhe enfeitam a pele, pedras reluzentes feitas na dor das ostras, para lhe acariciar a pele, para lhe adornar o corpo sofrido.

A partir daqui, podemos ler a educação como o cuidado de Iemanjá por seu filho Omulu. Educadoras e educadores estão sempre tecendo suas próprias ostras para enfeitar seus alunos e alunas. Muitas vezes os educadores não podem mudar a situação de seus alunos, mas podem pensar suas feridas, adornar seus corpos, ampliar seus pensamentos, movimentar seus joelhos, fortalecer suas mãos, iluminar seus olhos com o brilho do espanto, enfeitá-los com as palavras da vida e em ressonância com as da morte, buscar os encantados, fazer seus corações pulsarem num outro ritmo que não seja o da destruição e do aniquilamento que os cercam.

Quem cura na história não é Iemanjá. Omulu recebe a cura da floresta e de Olorum. Mas é Iemanjá quem cuida da simbologia da cura, fazendo com que as chagas de Omulu sejam cobertas e sua alegria seja plena. Da mesma forma, nós educadores e educadoras somos como Iemanjá, buscando pérolas no mar para colocar nos corpos feridos de nossos alunos e alunas. Pérolas que venham de dentro de nossos próprios corpos como ostras que aprenderam a fazer pérolas, pérolas que venham da história, da sabedoria ancestral, e também as pérolas produzidas pelas próprias alunas e alunos. A pedagogia do espanto é assim o tecer de um colar de pérolas múltiplas e de vários lugares para corpos inteiros.

### Terceiro, A Educação Para A Sensibilidade Do Diferente

O documentário *Fé e Fúria* de Marcos Pimentel<sup>4</sup> aborda os conflitos religiosos existentes em favelas e subúrbios do Rio de Janeiro e de Belo Horizonte e como “traficantes evangélicos” protegem as igrejas cristãs e proíbe, destrói e expulsa os seguidores do Axé. O documentário mostra muito bem como muitas igrejas evangélicas vão mudando as composições sociais e religiosas das nossas sociedades e achando sua missão no imaginário bélico do Antigo Testamento. Em um país onde as democracias sem representação desafiam qualquer forma de representação política e as estruturas econômicas, cada vez mais invisíveis, fazem do abismo social uma luta que se trava nas comunidades, essa cosmologia de batalha se transforma em formas de agência e de lugar no mundo. Entretanto, a luta contra a pobreza e o mal acha no Cristianismo uma cosmologia profundamente alimentada pelo racismo, e assim coloca como seu inimigo a ser derrotado não a corrupção do país ou suas injustiças mas fundamentalmente todas as formas de manifestação religiosa negra que não sejam cristãs. Assim, como fogo em mato seco, o evangelho bélico associado com o profundo racismo

---

<sup>4</sup> *Fé E Fúria* Marcos Pimentel. Minas Gerais, 2019, Cor, 103'

brasileiro e seus 500 anos de colonização branca, fazem das formas de religião de matrizes Afro os alvos mais fáceis de ver e de se eliminar.

Contra os tantos exércitos de Deus, gladiadores do altar e soldados de Jesus que marchando vão, precisamos de uma educação que nos espante, aqui o espanto mais ligado ao sentido do assombro, onde nos chocamos com nossa capacidade de destruição de quem é e sempre foi parte de nós como brasileiros.

A pedagogia do assombro assim, deve ser o espanto e a luta contra a normalização da violência, o assentamento do racismo, e a destruição de muito do que somos: africanos e indígenas.

Isso acontece quando fazemos da tristeza dos assassinatos brutais de João Alberto Silveira, 40 anos, Herinaldo Vinicius de Santana, 11 anos, Alan de Souza Lima, 15 anos, Matheus Santos de Moraes, 5 anos e de todos os meninos e meninas negr@s que perderam suas vidas, um *lugar ostral*, de refazimento da dor em resiliência, força e projeto de transformação. Ainda mais, precisamos de uma educação que faz da destruição dos inúmeros terreiros e lugares sagrados do Axé um lugar ostral de re-encantamento e de re-existência de nosso país e de nós mesmos. É preciso fazer da dor dos negr@s e dos que seguem o Axé a nossa própria dor e nosso próprio infortúnio. Enquanto vivermos sem atuar ativamente nessa luta e nessa mudança, seremos ostras felizes reclamando de quem está sendo destruído e assassinado.

Somente assim, a educação do espanto será a criação de sensibilidades que nos ajudará a mudar nossas formas de pensar, de educar e de viver.

Eu digo isso porque eu fui um desses homens de guerra de Jeová em minha adolescência. Eu ia pro litoral de São Paulo evangelizar e expulsar demônios no dia 31 de dezembro. E como a gente tenta restituir sempre o que a gente destruiu, eu precisei fazer um caminho árduo de transformação de pensamentos, crenças e sensibilidades para poder ver o povo do Axé não só como presença legítima em qualquer lugar, mas como lugares de encantamento do nosso mundo.

Eu precisei ir dormir no axé, de comer da comida que eles oferecem, para poder mover meu corpo. Precisamos ser educados em outros eixos do pensamento. Rubem Alves era muito moderno, muito Cristão e muito ocidental. Sem dúvida, Alves pode nos ajudar como cristãos a sermos mais livres e a destrambelhar nossas línguas. Sem ele eu não estaria aqui. Mas agora precisamos viver na ostra de outras religiões. Pra isso preciso largar minha bibliografia exclusivamente europeia e preciso ler outros encantados: Antonio Carlos Simas, Luiz Rufino, Pierre Verger, Rachel Harding, Gisele Omindarewa Cossard, Maria Helena Farelli e outros tantos. Preciso aprender junto com os hinos que cresci cantando, aprender os vários toques de tambor e suas canções. Preciso saber os caminhos dos Orixás e dos encantados.

Porque assim como a gente aprende com Rubem Alves que a ostra triste só fez a pérola porque um grão de areia entrou em seu corpo, a gente precisa aprender que a educação

também acontece com um grão de areia de outra fé no nosso corpo. Se nossos corpos aprenderem isso, seremos guardiões de todos terreiros encantados do Axé e não mais seus destruidores.

Aqui pois, a pedagogia do espanto. O espanto de começar a mudar nossas fontes acadêmicas, nossas leituras, e nossas práticas. Precisamos nos espantar com a beleza da negritude, o pensamento afro e também Ameríndio. Isso é um trabalho de todos nós da academia: de enegrecer nossos conceitos cristão brancos e também secularizados. Se continuarmos brancos todos brancos quase todos homens brancos, continuaremos a ser cúmplices da destruição do povo Afro e ameríndio, e assim continuaremos a testemunhar a aniquilação de nós mesmos.

Estamos preparados para a pedagogia do espanto dos tambores? Eu não sei se estou ainda, mas vou a caminho.

#### Quarto, A Educação Para A Sensibilidade Formas De Vida Não Humanas.

Omolu é o orixá da terra. Ele sabe fazer as composições de cura que aprendeu com a floresta e os animais. Ele nos ensina que a vida não existe se não em profunda relação com as folhas e ervas e criaturas da mata.

Rubem Alves nos trouxe mais pra perto das árvores, os passarinhos, os sapos, as galinhas, os galos, as águias, os rios, as flores, as florestas, as panteras, as montanhas, a lua e tanto mais.

Omolu e Rubem Alves nos trazem para perto de algo que não estamos acostumados, que é o espanto com outras formas de vida que não a humana, com texturas outras que não a de papel de livros, com formas de vivência que não sejam só as culturais europeias.

Rubem Alves nos ajuda a iniciar essa caminhada de retorno à terra. Omolu nos traz para o centro da terra e pensar a partir da terra. Rubem Alves nos ensina a metáfora. Omolu nos ensina a vivência.

A cura do mundo começa com a nossa cura. Metafórica e corporealmente. Porque é no corpo que criamos nossas pérolas. E daí, espantados pelas tantas perolas que a gente vê pelo mundo a gente faz como José Miguel Wisnik que nos ensinou a jogar perolas aos poucos.<sup>5</sup>

Eu jogo pérolas aos poucos ao mar  
Eu quero ver as ondas se quebrar  
Eu jogo pérolas pro céu  
Pra quem pra você pra ninguém  
Que vão cair na lama de onde vêm

---

<sup>5</sup> José Miguel Wisnik, “Pérolas Aos Poucos,” CD *Pérolas Aos Poucos*, (São Paulo: Circus, 2016).

Eu jogo ao fogo todo o meu sonhar  
E o cego amor entrego ao deus dará  
Solto nas notas da canção  
Aberta a qualquer coração  
Eu jogo pérolas ao céu e ao chão

Grão de areia  
O sol se desfaz na concha escura  
Lua cheia  
O tempo se apura  
Maré cheia  
A doença traz a dor e a cura  
E semeia  
Grãos de resplendor  
Na loucura

Eu jogo ao fogo todo o meu sonhar  
Eu quero ver o fogo se queimar  
E até no breu reconhecer  
A flor que o acaso nos dá  
Eu jogo pérolas ao deus dará

Obrigado!

\*\*\*\*\*

O Budismo nos fala da presença fundamental da flor de lótus que produz sua beleza das regiões de profundezas abissais dos rios, onde somente lama pode ser encontrada. Como disse Thich Nhat Hanh: “A maioria das pessoas tem medo de sofrer. Mas o sofrimento é uma espécie de lama que ajuda a flor de lótus da felicidade a crescer. Não pode haver flor de lótus sem lama. ”

uma reflexão sobre as pontes construídas por Rubem Alves entre a Religião a Educação. De que forma se entrelaçam? Como se diferenciam? Em que sentido se complementam? Como se tangenciam os traços profético e poético na grande teia alvesiana? Em que sentido podem a religião e a educação ser pensadas como arte, como um sim ao imperativo maior de tornar a vida humana portadora de sentidos mais potentes?

“o grande desafio é manter este horizonte de mística e práticas ancestrais em permanente articulação criativa com as muitas dimensões da luta de classes e suas atualizações nos diferentes cenários na América Latina sem qualquer pretensão de redução ou de hierarquização dos protagonismos e materialidades complexas”.

[https://wp.ufpel.edu.br/dgenerus/files/2019/09/Ebook\\_Marcia\\_Graziela\\_.pdf](https://wp.ufpel.edu.br/dgenerus/files/2019/09/Ebook_Marcia_Graziela_.pdf)

We were born as Forest Guardians

<https://lab.org.uk/we-were-born-as-forest-guardians-1/>